

# A literatura para a infância e a construção da memória: uma leitura de *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*, de João Pedro Mésseder

Ana Margarida Ramos

## RESUMO

Leitura da mais recente publicação de João Pedro Mésseder destinada ao público infantil, este ensaio breve analisa a forma como autor e ilustrador revisitam e recriam a Revolução de Abril e as memórias a ela associada.

*Abril*

*Assalto  
ao Palácio do Inverno  
para de vez  
implantar  
a Primavera.*

João Pedro Mésseder

Articulando diferentes leituras do fenómeno mais marcante da História portuguesa contemporânea, a mais recente publicação de João Pedro Mésseder, *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*, equaciona uma dimensão comemorativa com outra claramente interventiva, combinando a revisitação histórico-factual com a recriação poética, seguindo um conjunto vasto de autores<sup>1</sup> que, nos últimos anos, em

---

<sup>1</sup> Dos quais destacamos, a título exemplificativo, José Jorge Letria, Manuel António Pina, Mário Castrim, Álvaro Magalhães, António Torrado, entre muitos outros. Em 2001, ao dar conta da publicação, por parte de Manuela Cruzeiro e António José Monteiro de 25 de Abril – *Outras Maneiras de Contar a Mesma História* (2000), José António Gomes refere que estes autores talvez escrevam «por dever de historiadores e de pedagogos, mas é certo que o fazem também por dever de memória para projectar no presente e no futuro as lições do passado e para afirmar essa memória perante os branqueadores da ditadura salazarista e marcelista» (Gomes, 2001: 9).

diferentes géneros<sup>2</sup> e a propósitos vários, perspectivaram, para o universo da literatura de potencial recepção infantil, a Revolução de Abril de 74, o fim do Estado-Novo, e o significado desta data. A questão sobre a pertinência de publicações em torno deste tema, dado o seu número significativo<sup>3</sup>, parece ser respondida pelo contexto actual, uma vez que, passados 33 anos sobre o 25 de Abril, já não são só as crianças que desconhecem esse acontecimento. Uma parte cada vez mais expressiva dos mediadores adultos, onde se incluem pais, professores e educadores, já nasceu depois daquela data ou viveu-a ainda durante a primeira infância, não tendo retido dela memórias significativas.

No caso da publicação assinada por João Pedro Mésseder, está patente, desde o título, pela referência ao “romance” enquanto género ligado à memória da tradição oral que aqui se quer recuperar e prolongar, deixando marcas indeléveis na memória afectiva dos leitores, uma intenção explícita, a de sublinhar a importância que o 25 de Abril assumiu na vida das pessoas, semeando esperanças e criando expectativas e sonhos de futuro. Além disso, não o esqueçamos, em termos teóricos, o romanceiro, de acordo com Pere Ferré<sup>4</sup>, apresenta uma forte componente épica<sup>5</sup>, uma vez que a narrativa, seguindo a evolução temporal linear e fortemente ancorada na figura do narrador, ordena acontecimentos marcantes, a vários títulos notáveis e que perduram na memória (e na mitologia) de uma comunidade. O verso e a rima ritmam a narrativa, imprimindo-lhe uma leitura ágil e veloz, muito próxima da oralização tradicionalmente associada ao género do romance tradicional, bem visível nos versos de medida popular, de sete sílabas, e na combinação de rima cruzada, interpolada e emparelhada. Assim, a opção por este género específico, narrativo e trabalhado de acordo com uma medida poética, associa-se a uma identidade cultural ancestral que se transmite sem esforço. Está também presente uma certa ligação a uma ideia de colectivo, de património partilhado, a que a voz, muitas vezes através da oralização, assegura transmissão e vida longa, além de referência assídua e relevante. Assim, mais importante do que a reportagem fria e distante dos factos, parece ser a crónica das emoções experimentadas pelos homens e a forma como se comovem perante um mundo em mudança, sentindo-se, por instantes, molas impulsionadoras do devir histórico.

É também da preocupação comunicativa que parece nascer a opção pela recusa de uma aproximação metafórica ao 25 de Abril, como a que é realizada por autores como Matilde Rosa Araújo, António Torrado, José Vaz ou Vergílio Alberto Vieira, em favor de uma narrativa que, apostando na referencialidade, não se envergonha ou inibe de “chamar os bois pelos nomes”, apontando o dedo aos culpados da situação vivida em Portugal durante os anos negros da Ditadura. Assim, a referencialidade e a efectiva

<sup>2</sup> Relembra-se, no que diz respeito ao texto poético, a presença de uma número significativo de poemas directa ou indirectamente conotados com esta questão numa outra obra de João Pedro Mésseder, *Breviário da Água* (2004) (co-autoria com Francisco Duarte Mangas).

<sup>3</sup> Que já motivou a realização de uma dissertação de mestrado subordinada a esta temática.

<sup>4</sup> Confrontar com FERRÉ, P. (s/ data): «Romanceiro Velho e Tradicional» in <http://www.attambur.com/Recolhas/romanceiro.htm> (consultado a 2/04/07).

<sup>5</sup> Cujá relevância, no caso da obra em análise, é significativa.

concretização dos acontecimentos parece reforçar a argumentação, tornando-a verosímil e credível aos olhos dos leitores. É assim que lemos as alusões históricas explícitas às figuras do Estado Novo e as próprias ilustrações que as identificam, promovendo o seu imediato reconhecimento e activando a enciclopédia dos mediadores adultos e dos leitores mais jovens.

A selecção de um protagonista infantil reforça o sentimento de proximidade por parte dos leitores, simultaneamente identificados com a criança e com o seu país, do qual ela recebe o nome próprio. É evidente, desde as primeiras linhas, que a personificação de Portugal na figura do “menino baixinho / pouco mais do que magrinho / que vivia à beira-mar”<sup>6</sup>, alude à geografia do país, para além de activar a memória intertextual dos leitores relativamente ao discurso oficial do Estado-Novo, sobre a pequena e estreita dimensão europeia de Portugal, compensada por um grande império colonial.

Assistimos, portanto, ao assumir de uma posição clara e inequívoca do autor perante os factos narrados. A subjectividade da perspectiva apresentada – a dos defensores da liberdade – é articulada com uma argumentação que assenta na exemplificação e na enumeração das consequências sociais, culturais, políticas e económicas da vigência da Ditadura. Esses reflexos são particularmente relevantes em determinados sectores da sociedade portuguesa, verificando-se a falta de qualidade da educação e do ensino, as terríveis condições de trabalho e a exploração económica dos mais fracos e dos mais pobres que lhes está associada, a emigração/exílio forçados, a guerra colonial, a censura, a vigilância e o controlo exercidos pela polícia política, a repressão, o medo, a prisão e a tortura, aos quais o narrador contrapõe a actividade heróica da resistência, com destaque para a resistência clandestina, nas suas diversas facetas e contextos (estudantil, militar, operário, cívico). É ela que permite a manutenção da esperança e dos sonhos de liberdade, igualdade, justiça e paz, condicionando as acções de toda uma geração na sua materialização.

Da narrativa, que se desenvolve condicionada pelo final feliz, não está ausente alguma inquietação associada ao futuro incerto e à necessidade de Portugal, já mais velho, se manter activo na luta pela realização dos ideais de Abril: «Vede-o lutando à porfia / para um dia se cumprir / tudo o que Abril prometeu». Estes versos finais permitem constatar que, afinal, a história não chegou ao fim e que a Revolução não é o epílogo da narrativa, mas tão-só um momento crucial, porque decisivo e transformador, na evolução dos acontecimentos. Escondem, ainda, a desilusão, talvez mais o desencanto<sup>7</sup>, pelo facto de Abril ainda não se ter cumprido verdadeiramente, patente na dimensão prospectiva que encerra a narrativa. Contudo, apesar da decepção, das promessas não cumpridas

<sup>6</sup> A expressão metafórica, que já entrou no uso comum, de Portugal como “um jardim à beira-mar plantado” é de Tomás Ribeiro (Tomás Ribeiro, *D. Jaime*, Porto, Ed. da Livraria Moré, 1874, pág. 3).

<sup>7</sup> A respeito da não concretização da Revolução, João Pedro Mésseder caracterizava, em entrevista recente, o Alentejo como «Cenário por excelência da Revolução. Da Revolução falhada, é certo, mas que existiu como tal e, enquanto existiu, instaurou uma outra dimensão do tempo que, para mim, ficou inscrita na paisagem. E a palavra revolução é daquelas que «vão morrendo com os anos», como se diz num dos textos. Ou melhor: que alguns vão fazendo os possíveis para que morra, de morte lenta ou, se as circunstâncias o permitirem, súbita.» in <http://www.derivadaspalavras.blogspot.com/>.

e dos sonhos não realizados, há sempre a certeza consoladora de que o maior feito da Revolução foi a liberdade. Revela-se, aqui, particularmente relevante o motivo pictórico da contra-capá, apelando à resistência e à continuidade da luta.

A euforia sem reservas é reservada para o momento da revolução, pelo que ela significa em termos de mudança. A liberdade parece inseparável da ideia de paz que caracterizou o movimento revolucionário, permitindo a sua leitura poética e metafórica enquanto madrugada, símbolo de renascimento, de vida nova, de luz e de dia que se seguem a uma noite longa e dolorosa. Este sentimento de pura alegria está patente, por exemplo, nos versos de Sophia de Mello Breyner Andresen, escritos ainda sob a intensa influência dos primeiros dias: «Esta era a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo» ou no título do libreto da ópera que celebra a data, com música de António Pinho Vargas, da autoria de Manuel Gusmão, «Os dias levantados», referência também presente no texto de Mésseder. A voz dos poetas parece, pois, a que melhor capta o significado do acontecimento testemunhado por todos, condicionando a sua leitura enquanto momento inaugural, criador e/ou regenerador. As imagens captam muito bem a sintonia entre os militares e os populares (homens e mulheres), irmanados pelos ideais e pela festa da vitória conseguida, em duas ilustrações consecutivas, nas páginas 24 e 25.

Do ponto de vista da ilustração, o jogo entre claro/escuro, luz/sombra, revela-se estruturante para a construção do livro. Alex Gozblau, num estilo e numa linguagem em que é particularmente fluente, recria, com intensidade, recorrendo a uma paleta cromática escura, onde sobressaem todos os indícios de luminosidade, associados à resistência e/ou ao sonho de mudança, a longa noite<sup>8</sup> do fascismo e as suas consequências na vida das pessoas, do país e das próprias crianças, promovendo a identificação dos leitores com o universo recriado. A opção gráfica pela sugestão do rolo fotográfico ou fílmico que delimita as páginas da publicação reveste-se de vários significados, podendo surgir associada à ideia de uma espécie de reportagem fotográfica realizada pelo livro, sublinhando a sua referencialidade e verosimilhança, ou ser lida enquanto alusão ao passado e a uma espécie de discurso memorialista que sobre ele se constrói a partir de momento em que, à distância do tempo, se observam os acontecimentos. Além disso, não o esqueçamos, os leitores infantis e juvenis de hoje lêem a história recente através das revisitações realizadas pelos meios de comunicação audiovisual que, anualmente, reproduzem a memória da revolução e a sua iconografia mais simbólica e persistente, alguma aqui recuperada nas ilustrações de Gozblau. Estas procuram recriar não só o passado, e a sua cor local respectiva, mas as imagens que persistem desse passado,

<sup>8</sup> Não esqueçamos que João Pedro Mésseder, no poema “Memória”, se lhe refere como «tempo de outrem / vagaroso como um verme», explicitando, com recurso à comparação e à aliteração, a sua conotação fortemente disfórica (v. *Gazeta Literária* (nº especial dedicado aos 30 anos do 25 de Abril, com o título *Começar de Novo*), Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 2004, s/n).

sugerindo uma evocação de tipo documental, próxima da da consulta de arquivos, o que explicaria, em nosso entender, um certo granulado da imagem, uma ligeira indefinição que perpassa numa ou noutra ilustração, para além da própria iluminação, dramaticamente encenada.

Elementos essenciais para a leitura da obra agora publicada são também a capa e a contracapa do livro, sobretudo se lidas em estreita articulação. A primeira, combinando as cores simbólicas do país e da sua bandeira, o vermelho e o verde, sugere a sua adaptação ao contexto histórico em causa, metaforizando, respectivamente, a revolução e a esperança. A presença do protagonista e do cravo sublinham as mesmas ideias, valorizando a dimensão futura patente na ideia de crescimento do rapaz e da flor, do país e dos seus ideais. Aliás, o recurso à cor, em particular aos tons mais fortes e simbólicos, como é o caso do vermelho, é feito com extrema subtilidade e sobriedade, sendo usada em momentos ou em circunstâncias muito específicos, como acontece com o cachecol do protagonista, no momento em que vive atormentado com a questão da guerra colonial e são relembrados versos<sup>9</sup> de Jorge de Sena que, por si só, já têm associações cromáticas muito fortes. Até aí, e antes do surgimento do cravo<sup>10</sup>, a flor rubra da liberdade, o vermelho não aparece, sendo as imagens dominadas por vários tons terra, assim como pela presença de diferentes variações da cor azul que se mantêm até ao final.

A bicicleta que aparece integrada na narrativa e reproduzida na ilustração, e é recuperada para motivo (em sombra) da contracapa, assume particular relevo enquanto elemento simbólico identificativo dos resistentes comunistas durante a ditadura. Este *topos*, para além de surgir em outras obras de potencial recepção infantil, como é o caso de *O Rapaz da Bicicleta Azul* (2004), de Álvaro Magalhães, caracteriza, por exemplo, alguns dos protagonistas do romance de Manuel Tiago, *Até Amanhã Camaradas!* (1974), associado à revisitação da vida na clandestinidade.

Ao nível da ilustração, merecem leitura atenta as guardas iniciais e finais da publicação e o efeito de continuidade que a sua leitura conjunta reforça, sugerindo o crescimento gradual do cravo, flor símbolo da revolução de Abril, assim como dos ideais que ele encerra.

Destaquem-se, ainda no que diz respeito à ilustração, a opção pela representação das personagens com recurso a grandes planos ou planos muito aproximados, permitindo uma leitura da sua fisionomia e expressividade. Neste domínio específico, atente-se com especial atenção na reconstituição do olhar das personagens e na transformação que esse mesmo olhar sofre a partir do momento da Revolução, aumentando de tamanho

<sup>9</sup> «Não hei-de morrer sem saber / qual a cor da liberdade.»

<sup>10</sup> A propósito do simbolismo da flor escolhida, veja-se a reflexão de Joaquim Vieira: «uma revolução precisa de símbolos, de sinais envergados pelos seus apoiantes, que lhes permitam uma afirmação de adesão e um sentimento de comunhão dos mesmos ideais. Os símbolos não são meras simplificações gráficas, mas reflexos mais ou menos precisos dos movimentos políticos ou sociais que representam» (Vieira, 2000: 124).

e apresentando um brilho de particular intensidade, contágio da iluminação do dia. No que diz respeito ao protagonista, as ilustrações permitem, ainda, reproduzir a passagem do tempo.

Assumidamente empenhada, participando numa espécie de espírito de resistência, a que a Editorial Caminho<sup>11</sup> também se associa, contra o branqueamento a que a História portuguesa recente, em particular a ditadura salazarista, tem sido sujeita, a publicação de *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada* parece querer despertar as consciências e promover a reflexão, o diálogo e, até, o debate. De alguma forma, a luta contra o esquecimento faz-se também pela via emotiva, recriando, com pormenor e realismo, momentos e vivências que os jovens leitores contemporâneos não conheceram mas que, assim reescritos, poderão imaginar, valorizando as conquistas da liberdade que lhe são, de alguma forma, transmitidas em herança, através de uns versos de um romance, sem qualquer esforço ou entrave, destinadas a perdurar na memória e, mais importante ainda, nas acções e na vivência do quotidiano.

## Referências Bibliográficas

- ▶ FERRÉ, Pere (s/ data): «Romanceiro Velho e Tradicional» in <http://www.attambur.com/Recolhas/romanceiro.htm> (consultado a 2/04/07).
- ▶ GOMES, José António (2001): Os livros para crianças e jovens e o 25 de Abril. *Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude]*. pp. 9-10, Porto, Campo das Letras.
- ▶ MÉSEDER, João Pedro (2007): *Romance do 25 de Abril em prosa rimada e versificada*, Lisboa: Caminho (ilustrações de Alex Gozblau)
- ▶ VIEIRA, Joaquim (2000): *Portugal Século XX – Crónica em imagens 1970-1980*, s/ local: Círculo de Leitores.

<sup>11</sup> A comprová-lo, veja-se, por exemplo, a publicação, em Abril de 1999, da colecção “Caminho de Abril”, um conjunto de 11 livros, de diferentes autores, destinados a comemorar os 25 anos daquele acontecimento histórico. A colecção destaca-se, ainda, pela variedade de vozes que nela confluem, perspectivando, a partir de diferentes pontos de vista, o 25 de Abril de 1974.